

EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DIÁLOGOS COM A FORMAÇÃO DOCENTE

Graciela Fagundes Rodrigues
SMED - Frederico Westphalen
gracifrodrigues@gmail.com

Introdução:

Este texto resulta de uma pesquisa, em andamento, na qual se investe nas temáticas: Educação Especial e a inclusão de pessoas com deficiência na Educação Profissional (EP) através dos cursos de qualificação profissional. Tendo em vista a necessidade de olhar para novos focos de investigação com os quais a Educação Especial pode estar articulada, ressalto que a EP constitui-se com essa possibilidade, em virtude das atuais demandas deste campo de conhecimento, decorrente da concretização da perspectiva inclusiva para além dos espaços escolares.

Abordar a inclusão para além do acesso à escola implica visualizarmos que a abrangência do conceito repercute em várias esferas da sociedade na qual pessoas com deficiência¹ possuem total direito de participação como qualquer cidadão. E um destes

¹ O conceito de pessoa com deficiência adotado está em consonância com a Convenção Internacional dos

direitos – de acesso ao trabalho – em algumas situações é viabilizado por meio de cursos profissionalizantes promovidos por diferentes organizações não-governamentais e/ou pelo sistema “S” (SENAI, SENAR, SENAC, SENAT e SENACOP).

Neste sentido, a EP oferecida por essas organizações vem sendo desafiada perante este novo cenário de demandas, que as instigam a pensar acerca de peculiaridades, como, por exemplo, a formação dos professores dos cursos de qualificação profissional, o planejamento dos currículos e a ação docente empreendida nos referidos cursos.

Coloca-se em evidência, nesta realidade, a formação do professor que atua nos cursos, instigando-me a questionar: de que forma os conhecimentos da Educação Especial estão sendo inseridos na docência da Educação Profissional?

Em consonância com indagações acima, o objetivo geral da pesquisa é analisar como a inclusão de pessoas com deficiência na EP, de um Sistema Nacional de Aprendizagem do Rio Grande do Sul, repercute na formação de professores dessa modalidade e como esses professores planejam e desenvolvem estratégias pedagógicas e de acessibilidade na realização dos cursos profissionalizantes, visando atender tanto as peculiaridades de aprendizagem quanto o acesso ao conhecimento por tais pessoas.

Caminhos metodológicos

Apresento, neste momento, os instrumentos metodológicos com os quais me aproximarei e que me auxiliarão no processo de pesquisa, nas relações e nos contextos de investigação que percorrerei. Com isso, os sujeitos e os fenômenos necessitam ser vistos incluídos em uma rede de relações, revelando diferentes maneiras de se apresentar. “[...] essa combinação de solidez e areias movediças, que é tão típica da experiência humana quando a olhamos de perto” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 263).

Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 6.949, de 2009, com valor de emenda constitucional. “Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2011, p. 26).

Deste modo, evidencio, na sequência, os movimentos pelos quais buscarei desvelar e construir possibilidades de olhares para os desdobramentos da questão de pesquisa evocada.

O local de estudo pretendido serão as unidades operacionais de um Sistema Nacional de Aprendizagem. Essa escolha terá como critério principal a matrícula e frequência de pessoas com deficiência em cursos de qualificação profissional, ou seja, unidades em que esteja ocorrendo inclusão de pessoas com deficiência nos cursos regulares² de qualificação profissional.

A abordagem metodológica terá aproximação epistemológica com a Teoria Sócio-Histórica. Neste sentido, o dinamismo entre pesquisador, participantes e contextos implica-se dialeticamente. Segundo Freitas (2009), “fazer pesquisa qualitativa na perspectiva histórico-cultural consiste não apenas em descrever a realidade, mas também em explicá-la, portanto supõe intervir nessa realidade” (p.2). Assim, a ênfase desta pesquisa será dada à abordagem qualitativa, porém não desprezando dados quantitativos que forem ao encontro das repercussões que os traçados metodológicos vierem a suscitar.

Pretendo realizar entrevistas com alunos, professores e o (a) gestor (a) das unidades operacionais. Para cada grupo de participantes, será planejado um roteiro semiestruturado de entrevista que conterá questões construídas a partir dos objetivos da investigação. Para os professores as questões contemplarão informações referentes à caracterização da sua trajetória acadêmica e profissional, a identificação de pressupostos acerca da inclusão de pessoas com deficiência nos diferentes espaços da sociedade, com ênfase no mercado de trabalho, e a organização e o desenvolvimento do planejamento e execução das disciplinas nas quais ele atua com pessoas com deficiência. Na visitação *in locus*, pretendo entrevistar os alunos com deficiência matriculados nos cursos, mediante um roteiro de entrevista aberto, contendo questionamentos relativos ao propósito de analisar em que medida as pessoas com deficiência, incluídas nos cursos profissionalizantes, os consideram como promotores para sua inserção no mercado de

² Quando menciono “cursos regulares”, quero enfatizar que são cursos em que as turmas são compostas tanto por alunos com deficiência e sem deficiência.

trabalho. Saliento a necessidade de considerar a aceitação e disponibilidade dos respondentes em participar, voluntariamente, da pesquisa.

Neste momento, a investigação encontra-se na etapa de mapeamento das unidades operacionais que atendam aos requisitos propostos e a organização de um estudo piloto nas unidades encontradas.

Formação de professores, aproximações com a Educação Profissional: “Não fui formado para isso!”

A afirmação mencionada no título deste tópico é comumente expressa, ouvida, registrada no âmbito da Educação, anunciada por gestores, professores ou estagiários quando se deparam com o tema da inclusão. Assim, diálogo com a afirmação de Baptista (2013), ao expor:

Não ter sido formado para isso. É uma evidência de que a vida do docente é repleta de desafios, em uma sociedade que muda rapidamente, das formas aceitas para o chamado ‘respeito’ ao outro às contínuas novidades no campo da comunicação e das trocas de informações (BAPTISTA, 2013, p. 18).

Isso anuncia a dinâmica com que nosso trabalho como professores caracteriza-se. Hoje minha aula foi de um jeito, obtive um retorno positivo dos alunos, porém amanhã esses mesmos alunos me darão outros retornos e, quem sabe, outras pistas para, inclusive, modificar minha ação. Quando pensamos na docência, em que nível for, a dinamicidade dos processos educacionais não pode ser desconsiderada.

Nesse ponto, essas ideias impulsionam-me a pensar na relação pedagógica, já que esta se funda em constantes olhares de um sobre o outro (professor e aluno), que carregam significados e desejos. Pensar acerca da relação pedagógica requer compreender o que é esta relação, o que nela está implicado? Quem participa? Como esta relação se constrói quando se fazem presentes alunos com deficiência, por exemplo?

O grande desafio docente da educação profissional inclusiva está em enxergar o aluno na sua totalidade e concretude e a escola como meio de desenvolvimento. Acreditar que docente e aluno são afetados um pelo outro e ambos pelo contexto em que estão inseridos, reconhecendo que a não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras

prejudica tanto professor como aluno, interferindo diretamente no processo ensino-aprendizagem (MANICA, 2011, p. 8).

Relação nos remete a aproximação, encontro. No contexto de aprendizagem, seja na escola, seja em um curso profissionalizante, este encontro materializa-se em diferentes momentos, sendo a sala de aula o espaço onde há esta aproximação, este envolver-se pedagogicamente com os alunos, onde a aprendizagem é o aspecto central desta relação pedagógica.

Meirieu (2002) nos direciona a pensarmos no momento pedagógico em que esta relação está implicada, porém representada não como empatia entre professor e o aluno, mas uma relação que atravessa este aspecto. Implicados neste momento pedagógico, estão os diferentes olhares e intencionalidades de um professor que tem algo a ensinar e do aluno que é o alvo deste ensinar. Trata-se, então, de (re)criarmos relações pedagógicas nas quais os olhares possam ser ampliados e a mobilização de outras estratégias de ensino e aprendizagem possam ser consideradas e colocadas a serviço de práticas pedagógicas favorecedoras de uma Educação que possibilite contemplar a diversidade dos alunos e as formas de acesso ao conhecimento.

Uma das questões a considerarmos neste cenário é a acessibilidade tendo como aliada a Tecnologia Assistiva (TA), como meio para evidenciar as possibilidades dos trabalhadores. Trabalhadores que apresentam limitações motoras, sensoriais ou intelectuais podem ter amenizadas suas restrições, tanto para o acesso à seleção de trabalho (para realização de provas e entrevistas, por exemplo), como na utilização dos recursos para sua permanência.

Em razão disso, os propósitos de investigação expostos dialogam com a formação de professores da EP, cujas práticas pedagógicas inserem-se em processos educacionais diferenciados, provenientes da inclusão de pessoas com deficiência nos cursos de qualificação profissional e que poderão acarretar o planejamento e a utilização de estratégias tecnológicas, como a TA. Outrossim, outras formas de organizar as práticas nos cursos profissionalizantes, com alunos que possuem formas de pensar, falar e escrever não-convencionais e com o professor que **“não foi formado para isso!”** emergem como desafios atuais na docência.

Considerações possíveis:

Estes foram, portanto, os caminhos introdutórios de uma investigação que almeja olhar para a Educação Especial em diálogo com a EP. Olhar para a inclusão de pessoas com deficiência nos cursos profissionalizantes requer uma aproximação com as ações docentes e como elas operacionalizam-se e repercutem na possibilidade destas pessoas ingressarem no mercado de trabalho. Além disso, o cenário contemporâneo que se apresenta, com forte incentivo na profissionalização de pessoas com deficiência, suscitada tanto pela Lei de Cotas (BRASIL, 1991) quanto programas nacionais, como por exemplo, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec), têm mobilizado ações que possam não só garantir o acesso, mas a permanência dessas pessoas nos cursos. No que tange à permanência, a formação docente ocupa lugar central por isso, a presente pesquisa, constitui-se como possibilidade de expandir a Educação Especial, a partir de uma perspectiva inclusiva, para outros espaços e atores.

Referências:

BAPTISTA, C. Tornar-se: trajetórias de alunos e formação de professores. In: VICTOR, S. L.; DRAGO, R.; PANTALEÃO, E. Educação Especial no cenário educacional brasileiro. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Lei Nº 8213 de 24 de julho de 1991. Brasília: DF.

_____. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 4ª Edição. Brasília: Presidência da República; Secretaria de Direitos Humanos; Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011.

FREITAS, M. T. de A. A pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. Revista Teias. Vol. 10, nº 19, 2009.

MANICA, L. E. A Prática docente da educação Profissional na perspectiva da Inclusão. Revista Iberoamericana, v. 4, 2011.

MATURANA, H.; VARELA, F. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEIRIEU, P. A pedagogia entre o fazer e o dizer: a coragem de começar. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Arned, 2002.